

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO  
LABORATÓRIO DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE

Kelvin Parente de Lima

BULLYING: Um problema de saúde pública na infância e na adolescência

Rio de Janeiro

2012

Kelvin Parente de Lima

BULLYING: Um problema de saúde pública na infância e na adolescência

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para aprovação no curso técnico de nível médio em saúde com habilitação em Vigilância em Saúde para a obtenção do diploma de técnico em Vigilância em Saúde.

Orientador: Cátia Oliveira.

Rio de Janeiro  
2012

# FICHA CATALOGRÁFICA

Kelvin Parente de Lima

BULLYING: UM PROBLEMA DA SAÚDE PÚBLICA  
NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para aprovação no curso técnico de nível médio em saúde com habilitação em Vigilância em Saúde para a obtenção do diploma de técnico em Vigilância em Saúde.

Orientador: Cátia Oliveira.

Aprovado em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

(Cátia Oliveira. ENSP/FIOCRUZ)

---

(Ieda Barbosa. LAVSA/EPSJV/FIOCRUZ)

---

(Maria Cecília. LABORAT/EPSJV/FIOCRUZ)

*Dedico este trabalho*  
*Aos meus pais, Francisco e Teresinha;*  
*E a todas as pessoas que já sofreram*  
*Ou sofrem bullying.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus pela graça da minha vida. Agradeço também aos meus pais, Francisco e Teresinha, pois sem a força e a bravura deles eu não seria a pessoa que eu sou. Também quero agradecer a minha orientadora Cátia Oliveira por ter aceitado me orientar nesse grande desafio que é a monografia.

Por último quero agradecer a todos os meus amigos, principalmente aqueles que me apoiaram e me fizeram enxergar as coisas boas da vida nos momentos mais difíceis. Thamires, Thyago Machado, João Pedro, Lucas Moreti, Priscilla, Letícia, Mayara, Paloma, Camila, Isadora, Larissa, Lucas Martins, Rachel, Gabriela Monteiro, Yang, Gabryela Barros, Brenda, Rayzza, Daiane, Felipe, Fernanda, Gabriel, Juliana, Mariana, Jéssica, Andressa e Vanessa: Eu amo vocês. Obrigado por existirem!

*'Mamãe eles me chamam de nomes estranhos  
Eles não me deixam jogar  
Eu corria pra casa sentava e chorava quase todo  
dia  
"Ei, Jessica você parece um ET com pele verde,  
e você não deveria estar aqui"  
Eles puxam meu cabelo, tiram minha cadeira  
Eu fico na minha e finjo que não me importo  
"Ei, Jessica você é tão engraçada  
Tem uns dentes que parecem do perna longa"  
(Jessie J)*

## RESUMO

Aborda Bullying é uma palavra que se originou da língua inglesa e que ainda não possui uma tradução na língua portuguesa. Classifica-se como bullying atos repetitivos, maldosos e intencionais que tem como finalidade humilhar um indivíduo. Ele pode ser físico, sexual, psicológico, verbal e virtual. Esse fenômeno é caracterizado por distinguir três “personagens”: os agressores, as vítimas e os espectadores. O bullying existe há muito tempo, porém só passou a ser objeto de estudo na década de 70. Atualmente o bullying é considerado um importante problema de saúde pública, pois afeta a saúde mental principalmente das vítimas e dos espectadores e se não for identificado e tratado, pode ser o despertar de uma série de doenças e problemas que poderão acompanhar as vítimas por toda a vida. Diante desse contexto, escolheu-se esse tema como objeto de estudo no intuito de pesquisar como esse fenômeno pode estar relacionado com o desencadeamento de certas doenças em crianças e adolescentes.

palavras chave: Bullying, escola e violência.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	9
1.1 OBJETIVOS.....	10
1.1.1 Objetivo Geral.....	10
1.1.2 Objetivos Principais.....	10
1.2 JUSTIFICATIVA.....	10
<b>2 REFERENCIAIS TEÓRICOS</b> .....	12
2.1 CAPÍTULO 1 – Histórico do Bullying.....	13
2.1.1 A questão do bullying em outros países.....	15
2.1.2 O bullying no Brasil.....	16
2.2 CAPÍTULO 2 – A escola e a Violência.....	19
2.2.1 Fatores que podem provocar o bullying dentro do ambiente escolar.....	20
2.2.2 O papel da escola no combate ao bullying.....	23
2.3 CAPÍTULO 3 – Bullying: Um problema de saúde pública.....	28
2.3.1 Problemas que o bullying pode causar.....	30
<b>3 CONCLUSÃO</b> .....	33
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	

## 1 INTRODUÇÃO

Bullying é uma palavra que se originou da língua inglesa e que não possui uma tradução na língua portuguesa. “As tentativas já realizadas de tradução para o português, por exemplo, produziram sempre reduções semânticas que descaracterizaram o fenômeno denotado pela expressão original” (ROLIM, 2010, pág. 19).

A adoção universal do termo bullying foi decorrente da dificuldade de traduzi-lo para diversas línguas. Durante a realização da conferência internacional Online *School Bullying and Violence*, de maio a junho de 2005, ficou caracterizado que o amplo conceito dado a palavra bullying dificulta a identificação de um termo nativo correspondente em países como Alemanha, França, Espanha, Portugal e Brasil, entre outros (NETO, 2005, pág. S165).

Por esses motivos, a grande maioria dos pesquisadores e especialistas em todo o mundo emprega consistentemente o termo inglês. Trata-se, na verdade, de uma providência exigida pelo rigor, não de uma escolha arbitrária (ROLIM, 2010, pág. 20). “A expressão inglesa *bullying* é derivada de *bully*” (Valentão, brigão) (ROLIM, 2010, pág. 19).

De acordo com Chalita (2008, p.81) “O fenômeno *bullying* não escolhe classe social ou econômica, escola pública ou privada, ensino fundamental ou médio, área rural ou urbana. Está presente em grupos de crianças e de jovens, em escolas de países e culturas diferentes.”

Por definição, bullying compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder (NETO, 2005, pág. S165).

Ainda de acordo com Silva (2010) ele pode se expressar na forma verbal, física, material, virtual, sexual, psicológica ou moral. “O bullying tem como característica principal a violência oculta” (FANTE, 2005, pág. 74). Algumas atitudes podem se configurar em formas diretas ou indiretas de praticar o bullying (SILVA, 2010, pág. 22).

Embora existam referências bem mais antigas sobre o fenômeno, o interesse pelo “bullying” começou ao final dos anos 70, nos países escandinavos, sendo os trabalhos pioneiros do professor Dan Olweus, sem dúvida, os mais influentes (ROLIM, 2010, pág. 20).

Olweus, que era pesquisador da Universidade de Benger tornou-se um grande pioneiro na pesquisa sobre o bullying e ajudou a diminuir suas estatísticas na Noruega e em muitos outros países.

De acordo com Neto (2005) esse fenômeno é muito difícil de ser diagnosticado, pois dependendo da atitude deflagrada as crianças e adolescentes podem ser identificados tanto como vítimas quanto como agressoras ou testemunhas de acordo com sua atitude diante de situações de bullying.

Silva (2010) afirma que se o bullying não for identificado e solucionado ele poderá deixar marcas nos indivíduos envolvidos nesse contexto que os acompanharão por toda a vida. “Pode trazer prejuízos nas suas relações de trabalho, em sua futura constituição familiar e criação de filhos, além de acarretar prejuízos para a sua saúde física e mental” (FANTE, 2005, pág. 79).

O bullying é um fenômeno bastante complexo e para solucionar esse problema é preciso ficar atento para saber identificar cada “personagem” que atua nesse processo para poder agir da maneira certa e assim solucionar esse grande problema. Os atores que se encaixam no contexto do bullying são os as vítimas, os agressores e os espectadores. De acordo com Chalita (2008, p.85) “identificá-los é fundamental, mas com o cuidado de não rotular os estudantes, evitando que sejam estigmatizados pela comunidade escolar, o que também seria uma violência”. Ou seja, é preciso entender todo o processo que compreende o bullying para evitar expor alunos que aos olhos alheios tenham características que os façam se encaixar no perfil das vítimas, ou dos espectadores, ou dos agressores, evitando assim, reações diversas da escola e da sociedade de uma forma geral.

As vítimas podem ser descritas como típicas, provocadoras ou agressoras e podem ser tanto tímidas ou reservadas. Em geral apresentam característica de fragilidade física ou apresentam alguma “marca” que as destaca da maioria dos alunos. ‘A vítima provocadora possui um “gênio ruim”, tenta brigar ou responder quando é atacada ou insultada, mas geralmente de maneira ineficaz’ (FANTE, 2005, pág.72). De acordo com Silva (2010, p.42) a vítima agressora “reproduz os maus-tratos sofridos como forma de compensação, ou seja, ela procura outra vítima ainda mais frágil e vulnerável, e comete contra esta todas as agressões sofridas”.

Esse tipo de comportamento reflete uma personalidade forte, que não suporta ser contrariado e tem um espírito de liderança perigoso, geralmente legitimado pela força e pela coação. Eles podem agir sozinhos ou em grupo, porém o seu poder aumenta quando ele está em

grupo. O agressor tem sido considerado como um indivíduo procurando poder e liderança dentro do grupo de iguais (OLWEUS, 1993 apud BANDEIRA, HUTZ, 2010)

Segundo Silva (2010) Os espectadores podem se envolver com o bullying na forma passiva, ativa e neutra. Os espectadores se tornam passivos por medo de se tornarem possíveis vítimas. Por isso, eles, mesmo querendo ajudar ou defender as vítimas não fazem nada para frear esse processo. Os espectadores ativos assumem esse papel pois demonstram um certo apoio aos agressores. Eles estimulam o agressor a continuar o seu ataque através de risadas ou palavras que demonstrem o seu apoio. O espectador neutro é aquele que assiste os ataques do agressor contra a vítima, mas, por diversas questões não demonstra nenhum sentimento pelo ato que ele presencia. Eles não têm a sensibilidade de aprovar ou desaprovar o bullying.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo Geral

Expor o bullying como um problema de saúde pública na infância e na adolescência.

### 1.1.2 Objetivos Específicos

- Discutir o Bullying no seu contexto histórico, mostrando como e em que condições este termo surgiu;
- Identificar o bullying como um problema de saúde pública relacionando-o com algumas doenças e sintomas psicossomáticos que podem se manifestar em crianças e adolescentes;
- Descrever o papel da escola no contexto do bullying;

## 1.2 JUSTIFICATIVA

Atualmente o bullying é considerado um importante problema de saúde pública, pois ele pode afetar a saúde mental dos indivíduos que estão envolvidos com esse problema. Ele pode ser o despertar de uma série de doenças e problemas que poderão acompanhá-los por toda a vida. Diante desse contexto, escolheu-se esse tema como objeto de estudo no intuito de publicizar mais a discussão e a esclarecer questões que precisam ser mais exploradas no âmbito da saúde pública.

O meu interesse pessoal pelo assunto começou quando no ano de 2010 assisti a uma aula que foi dada pela minha orientadora. O tema da aula era o bullying. A partir desse dia eu comecei a refletir sobre a minha rotina no antigo colégio em que estudei e percebi que o ambiente da minha antiga escola não era nada saudável, e, que eu sem saber, convivi com o bullying durante todo o meu processo de formação no ensino fundamental encarando-o como algo natural. Eu, no papel de espectador, vi alguns amigos sofrerem bastante com o bullying. Ao “abrir meus olhos” para essa tão cruel problemática eu me senti um pouco mal e impotente. Passei a pensar nos meus antigos colegas de classe e nos possíveis efeitos que o bullying poderia ter causado em suas vidas. Depois, passei a pesquisar mais sobre esse problema e percebi na monografia uma oportunidade para expor e problematizar o fenômeno que conviveu comigo e que atinge muitas crianças e adolescentes. Penso que a escola tem um papel importante nessa discussão e os professores devem ser envolvidos como interlocutores fundamentais na implementação de ações que possam ser mais efetivas. Dessa forma, acredito que os achados desse estudo possam ajudar na reflexão sobre o bullying fortalecendo as estratégias de intervenção para minimizar ou reverter tal problemática.

## 2.1 CAPÍTULO 1 - Histórico do Bullying

“A escola, por excelência é o local dedicado à educação e à socialização da criança e do adolescente, transformou-se em cenário de agressão, autoritarismo, e desrespeito mútuo” Abromovay et al (2002, pág. 29). Ainda de acordo com Abromovay et al (2002, pág.29), “ O fenômeno da violência no cenário escolar é mais antigo do que se pensa”. Como o bullying é um dos subtipos da violência escolar, a afirmação de Abromovay ajuda a confirmar a afirmação de Silva (2010, Pág. 111), quando ela afirma que “O bullying é um fenômeno tão antigo quanto a própria instituição denominada escola”.

“Apesar de os educadores terem consciência da problemática existente entre agressor e vítima, poucos esforços foram despendidos para seu estudo sistemático até princípios da década de 1970” (FANTE, 2005, pág. 44). “Tudo começou na Suécia, onde grande parte da sociedade demonstrou preocupação com a violência entre estudantes e suas conseqüências no âmbito escolar” (SILVA, 2010, pág. 111). Ainda de acordo com Silva (2010, p.111) “Em pouco tempo a mesma onda de interesse contagiou todos os demais países Escandinavos.”

Segundo Silva (2010) foi no ano de 1983, quando três adolescentes noruegueses entre 10 e 14 anos cometeram suicídio, que o bullying chamou a atenção da mídia e causou uma grande comoção da sociedade. As investigações concluíram que a possível motivação desses atos desesperados foi a forma como eles eram tratados dentro do ambiente escolar. Isso causou uma grande repercussão na imprensa norueguesa, o que conseqüentemente obrigou o governo norueguês a criar uma ampla campanha nacional para combater o bullying escolar. Ainda na Noruega, Dan Olweus, professor da Universidade de Bergen foi chamado para iniciar uma grande pesquisa para avaliar os índices de bullying naquele país.

Dan Olweus desenvolveu os primeiros critérios para detectar o problema de forma específica, permitindo diferenciá-lo de outras possíveis interpretações, como gozações ou relações de brincadeiras entre iguais, próprias do processo de amadurecimento do indivíduo (FANTE, 2005).

De acordo com Fante (2005), para realizar essa grande pesquisa Dan Olweus contou com a colaboração de aproximadamente 84 mil estudantes, mais ou menos mil pais de alunos e aproximadamente quatrocentos professores. O método utilizado para desenvolver essa grande pesquisa foi a aplicação de um questionário com 25 questões onde se verificava a frequência, tipos de agressões, locais de maior risco, tipos de agressores e percepções individuais quanto ao número de agressores.

Todas as séries foram observadas, o que corresponderia, atualmente no Brasil, a representantes desde o primeiro ano do ensino fundamental até o último ano do ensino médio. O objetivo principal de Olweus era avaliar as taxas de ocorrência e as formas pelas quais o bullying se apresentava na vida escolar das crianças e dos adolescentes (SILVA, 2010).

Esse estudo constatou que, a cada sete alunos, um estava envolvido em casos de bullying (Fante, 2005, pág.45). “Em 1993, Olweus publicou o livro “*Bullying at School*” apresentando e discutindo o problema, os resultados de seu estudo, projetos de intervenção e uma relação de sinais ou sintomas que poderiam ajudar a identificar possíveis agressores e vítimas” (SANTOS, 2007, pág. 13). Através dessa obra e do grande apoio do governo norueguês, em pouco tempo os casos de bullying dentro do ambiente escolar foram reduzidos em até 50%. Os estudos de Dan Olweus aumentaram a conscientização sobre o grande problema que é o bullying e ajudaram a sanar e evitar outros casos desse tipo de agressão no ambiente escolar na Noruega e em muitos outros países que se inspiraram em suas pesquisas.

O programa de prevenção do *Bullying* criado por Dan Olweus é considerado como o mais bem documentado e mais efetivo na redução do bullying, na diminuição significativa de comportamentos anti-sociais e em melhorias importantes no clima social entre crianças e adolescentes, com a adoção de relacionamentos sociais positivos e maior participação nas atividades escolares (NETO, 2005.p. S170).

O programa de intervenção proposto por Olweus em meados da década de 90 tinha como características principais desenvolver regras claras contra o bullying nas escolas, alcançar um envolvimento ativo por parte de professores e pais, aumentar a conscientização do problema, avançando no sentido de eliminar alguns mitos sobre o bullying, e prover apoio e proteção para as vítimas (SANTOS, 2007, p. 13).

De acordo com Fante (2005), ainda nos anos 90, o Ministério da educação da Noruega criou o Norwegian Program of Preventing and Managing Bullying in Schools (Programa norueguês de prevenção e controle do Bullying nas escolas) com o intuito de constituir uma rede de profissionais que envolvidos com cursos para professores e pais, fortaleciam as escolas a estabelecerem planos de prevenção e eliminação do bullying, além de ajudar o conselho de estudantes” (FANTE, 2005, pág. 88).

### 2.1.1 A questão do bullying em outros países.

A preocupação com o bullying não ficou restrita apenas aos países escandinavos como, por exemplo, a Suécia e a Noruega. Muitos outros países como os Estados Unidos, Portugal e a Espanha passaram a se preocupar com esse fenômeno depois de constatar que em suas escolas o índice de casos de bullying também era bastante elevado. De acordo com Fante (2005), Muitos especialistas e pessoas ligadas a setores educacionais, por meio de pesquisas tanto de iniciativas públicas como privadas, vem propondo a elaboração e execução de programas anti-bullying para serem implantados dentro das escolas.

Em Portugal, graças ao programa europeu Training and Mobility for Research (TMR), vários programas foram e ainda são mantidos nas escolas portuguesas. De acordo com Santos (2007, pág.13), “podemos destacar o The DES Sheffield Bullying Project-UK” que foi uma grande campanha anti-bullying nas escolas portuguesas. Segundo Fante (2010), outro programa anti-bullying interessante é a Liga dos Alunos Amigos (LAA). O interessante desse programa é que alguns alunos escolhidos pela turma são treinados para aprender a lidar com determinadas situações de agressão e conflitos. Também são formados grupos de mediadores de conflitos e é criada uma rede *socioemocional*, que assim como em todas as etapas do programa, tem o envolvimento direto dos alunos.

Na Espanha, o bullying começou a ser investigado a partir da década de 90. Um importante nome para a compreensão, divulgação e combate ao bullying na Espanha foi Rosario Ortega Ruiz, que tendo inspiração em Olweus publicou vários artigos e ajudou a desenvolver programas anti-bullying. De acordo com Fante (2005, pág. 82), um bom programa anti-bullying é o “Sevilha contra Violência Escolar (SAVE), criado em 1996 pela Universidade de Sevilha e coordenado pela catedrática Rosario Ortega Ruiz”. Este programa que é aplicado na região sul da Espanha, tem como base o pacote didático “Convivência escolar: O que é e como abordá-la” que foi elaborado por Rosario e por sua equipe. “Ele tem como objetivo desenvolver a educação de sentimentos e valores e a melhora da convivência das relações interpessoais” (FANTE, 2005, pág. 82).

Segundo Silva (2010), Nos estados Unidos, pelo fato de os casos de bullying crescerem de forma significativa, esse fenômeno já está sendo encarado como um conflito global por muitos especialistas. “As conseqüências geradas pelo bullying são tão graves que crianças norte-americanas, com idades entre 8 e 15 anos, identificam esse tipo de violência como um problema maior que o racismo e as pressões para fazer sexo ou consumir álcool e

drogas” (NETO, 2005, pág. S170). Lá, infelizmente, o histórico desse fenômeno traz lembranças trágicas e que mostram claramente o que o bullying pode acarretar.

No ano de 1999, dois adolescentes realizaram um verdadeiro massacre matando 13 pessoas e ferindo mais 21 dentro do Instituto Columbine em Colorado. Após o massacre os dois jovens cometeram suicídio, deixando para os sobreviventes muita dor e traumas que eles nunca irão esquecer. A motivação do atentado seria as humilhações que eles sofriam por alguns alunos do colégio.

Em 2007, Os EUA voltaram a sofrer com uma nova tragédia provocada pelo bullying. Um jovem sul-coreano de 23 anos entrou no Virginia Tech (Instituto Politécnico da Virgínia) assassinou 32 pessoas e feriu outras 23. Após o massacre o jovem também se suicidou. As motivações desse horror seriam as hostilidades que os demais estudantes teriam feito contra ele pela sua origem étnica, sua forma de se vestir, as suas características físicas e o seu jeito de falar.

No ano de 2009, uma tragédia ocorreu nos estados de Massachusetts e Geórgia. Dois estudantes de onze anos cometeram suicídios num intervalo de duas semanas nesses estados. Infelizmente a motivação desses suicídios foi o bullying. De acordo com Albino e Terêncio (2009, p.75), “Importa notar que os estados em questão possuíam leis anti-bullying e aplicavam programas de prevenção nas escolas envolvidas”.

### 2.1.2 O bullying no Brasil.

No Brasil, o atraso em identificar e enfrentar o problema foi enorme (SILVA, 2010, Pág. 161) onde o tema só começou a ser abordado junto à sociedade a partir de 2000, quando Cleo Fante e José Augusto Pedra realizaram uma pesquisa séria e bastante abrangente sobre o assunto. Fante criou um programa chamado “Educar para a paz” que foi desenvolvido em uma escola localizada em São José do rio preto. De acordo com Chalita (2008, pág.122), “As pesquisas iniciais identificaram 26% de vítimas. Depois de um semestre de implantação do programa, a vitimização caiu para 10% e, dois anos depois, para 4%”. Segundo Malta et al.(2010) a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (2009) concluiu que, de uma forma geral, no Brasil, não existe diferença na frequência de bullying nas escolas públicas e privadas.

De setembro de 2002 a outubro de 2003, a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Juventude (ABRAPIA) realizou uma pesquisa envolvendo 5.875

estudantes de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> em 11 escolas cariocas. O objetivo da pesquisa era compreender as características do bullying nas séries avaliadas e criar estratégias para prevenir esse fenômeno. O resultado revelou que 40,5% dos alunos entrevistados admitiram já ter se envolvido em alguma forma de bullying. Desses, 16,9% se envolveram no papel vítima, 10,9% admitiram estar no papel de vítima/agressora e 12,7% revelaram se envolver no papel de agressor. De acordo com Neto (2005, pág. S165), “Apesar de o estudo ter sido realizado em pouco mais de 1 ano[...]foi possível reduzir a agressividade entre os estudantes, favorecendo o ambiente escolar, o nível de aprendizado, a preservação do patrimônio e, principalmente, as relações humanas.”

No ano de 2009, Foi realizada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) uma pesquisa sobre preconceito e discriminação em contexto escolar. De acordo com Albino e Terêncio (2009, pág. 6), “Entre alunos, os respondentes declaram conhecer mais práticas discriminatórias motivadas pelo fato de serem as vítimas negras (19%), em seguida por serem pobres (18,2%) e, em terceiro lugar, por serem homossexuais (17,4%)”.

Infelizmente, assim como em outros países, aqui o histórico de tragédias relacionadas ao bullying também é bastante forte. No ano de 2003, na cidade de Taiuva (SP), um jovem de 18 anos entrou na escola onde estudou e atirou em uma professora, em um zelador e em seis alunos. Depois disso o jovem cometeu suicídio. Nas investigações do caso, familiares e pessoas do colégio teriam revelado que esse ato trágico teria sido uma resposta pelos anos de humilhações e xingamentos que o jovem teria sofrido naquele colégio por ser obeso.

No ano seguinte a essa tragédia, na cidade de Remanso (BA) um jovem de 17 anos atirou em cinco pessoas matando duas e ferindo três delas. O jovem também tentou se suicidar, porém, antes de concretizar o ato conseguiu ser desarmado. A motivação para o crime também seria uma resposta para as constantes humilhações sofridas nas escolas. O cúmulo das humilhações teria sido um banho de lama que ele teria levado dos colegas no dia do crime.

No ano de 2007, em João Pessoa (Paraíba) um estudante cansado da realidade do seu colégio, publicou ameaças em um site de relacionamento contra a direção caso a mesma não tomasse providências contra o bullying dentro de suas instalações. Nas ameaças o jovem relatou ter sofrido bullying durante três anos e questionou a posição omissa da escola. No ano de 2008 o mesmo jovem publicou vídeos em um site da internet em que simulava seu próprio seqüestro. O objetivo dos vídeos era chamar a atenção das pessoas para que ele pudesse expor novamente o debate do bullying. Esse jeito estranho de protestar e alertar as autoridades

funcionou e fez com que o ministério público estadual começasse a ver a necessidade de implantar dentro do estado campanhas de prevenção ao bullying.

No estado do Rio de Janeiro outros dois casos chamaram bastante a atenção da sociedade. Na cidade de Silva Jardim, um jovem de 17 anos sempre foi alvo de humilhações e agressões dos demais colegas. Um dia, por chegar ao colégio com um novo corte de cabelo – alguns colegas de classe não gostaram do seu cabelo – ele foi espancado e dias depois morreu.

## 2.2 CAPÍTULO 2 - A escola e a Violência

“A palavra escola pode se referir a uma instituição de ensino ou a uma corrente de pensamento com características padronizadas que formam certas áreas do conhecimento” (CHALITA, 2008, pág. 188). Segundo Chalita (2008) Esse conceito de escola surgiu no período do iluminismo. Os alunos eram mandados para o colégio para obter apenas o conhecimento. Ainda de acordo com Chalita (2008, pág. 189), “Ou se aprendia ou não se servia para a escola”.

Infelizmente, o modelo escolar que conhecemos hoje, em suas raízes, trazia consigo a violência. Segundo Caron (1996, apud Corti, 2002, pág.16), “A disciplina baseada nos castigos físicos, no sistema de recompensas e no aprisionamento foi típica da pedagogia jesuítica”. Ainda segundo Corti (2002), essa disciplina agressiva e punitiva foi fundamental para a construção do modelo educacional no Brasil. Essa forma de educar foi introduzida na sociedade e legitimada pelos educadores. Para eles, ela era fundamental no processo educacional.

É claro que os diversos tipos de violência escolar – Sejam elas depredações, assaltos, a presença de drogas, ou a violência entre alunos e funcionários ou apenas entre alunos – não podem ser comparados a violência educativa e punitiva que herdamos de outros tempos. Porém, fica notório que a violência sempre fez parte do modelo escolar que conhecemos. Ela foi extinta do meio curricular, mas, não abandonou a realidade dos alunos. Hoje, a violência pode se fazer presente por meio do bullying, que nada mais é do que uma das formas de agressão velada existentes dentro da realidade do ambiente escolar.

É significativo o número de instituições de ensino que não tomam medidas para impedir que o bullying conviva dentro dos seus ambientes. “Na escola é um fenômeno complexo, muitas vezes banalizado e confundido com agressão e indisciplina” (CHALITA, 2008, pág. 81). “Até bem pouco tempo o aprendizado do conteúdo programático era o único valor que importava e interessava na avaliação escolar” (SILVA, 2010, pág.63).

Hoje, deve-se pensar na escola como um lugar de formação de indivíduos que não estão lá apenas para obter o conhecimento curricular que ela oferece, mas também, como um ambiente em que o aluno aprende a conviver e se relacionar com diferentes culturas, credos, e formas de se pensar. De acordo com Silva (2010, pág. 79), “A comunidade escolar tende a se reproduzir, em maior ou menor escala, a sociedade como um todo”. Se a escola não consegue enxergar dentro dos seus espaços físicos o desrespeito ao que é diferente, ao que está fora dos

padrões, ela estará contribuindo na formação de indivíduos que irão viver pensando e mantendo uma sociedade desigual, injusta e preconceituosa. Por isso que o “bullying” deve ser identificado e combatido, pois, além de ele poder comprometer a vida de muitas pessoas, também pode ser através dele que a intolerância e o desrespeito entram na escola. De acordo com Silva (2010, pág.64), “O fenômeno expõe não somente a intolerância às diferenças, como também dissemina os mais diversos preconceitos e a covardia nas relações interpessoais dentro e fora dos muros escolares.”

Cada escola, em seu tempo e contexto, reproduz a sociedade que ela própria ajudou a construir, e esse ciclo se reproduz viciosamente, alimentando, muitas vezes, a violência e a exclusão (CHALITA, 2008, pág. 195).

O bullying pode ser entendido como um balizador para o nível de tolerância da sociedade com relação à violência. Portanto, enquanto a sociedade não estiver preparada para lidar com o bullying, serão mínimas as chances de reduzir as outras formas de comportamentos agressivos e destrutivos (NETO, 2005, pág. S170).

A afirmação de Neto, apesar de ser abrangente – pois ele emprega a sociedade – pode servir perfeitamente para o contexto escolar, levando-se em conta que a escola é um “ensaio” da sociedade. Portanto, enquanto a escola não estiver preparada para identificar e combater o bullying, ficará muito difícil para ela evitar outras formas de violência dentro dos seus espaços.

### 2.2.1 Fatores que podem provocar o bullying dentro do ambiente escolar

“O comportamento agressivo ou violento nas escolas é hoje o fenômeno social mais complexo e difícil de compreender, por afetar a sociedade como um todo, atingindo diretamente as crianças de todas as idades, em todas as escolas do país e do mundo” (FANTE, 2005, pág. 168). Como já foi exposto neste trabalho, o bullying nada mais é do que uma das variações de violência que podem acontecer dentro do ambiente escolar. O ato ocorre dentro deste espaço, porém, a motivação da prática do bullying pode estar além do poder que a escola tem na vida dos alunos.

Segundo Fante (2005, pág. 168), o bullying é um “fenômeno resultante de inúmeros fatores, tanto externos como internos à escola”. Essa afirmação mostra que apesar de o bullying acontecer dentro do ambiente escolar, a escola sozinha jamais será capaz de combatê-lo uma vez que as suas raízes estão além do alcance da direção e dos funcionários. Por isso, antes de

tomar qualquer medida antibullying é preciso compreender a realidade do colégio e acima de tudo, quais os fatores que podem estar determinando essa condição. Dentro dos fatores externos, aponta-se como principal questão a família.

É no ambiente familiar que a criança aprende ou deveria aprender a relacionar-se com as pessoas, respeitar e valorizar as diferenças individuais, desenvolver a empatia e adotar métodos não-violentos de lidar com seus próprios sentimentos e emoções e com os conflitos sugeridos nas relações interpessoais (FANTE, 2005, pág. 174).

Muitas vezes os valores, e opiniões preconceituosas de pais e outros familiares podem influenciar os estudantes na hora de praticar e ou apoiar o bullying contra outros estudantes. Fante (2005), afirma que as relações de afetividade expressas nas relações do pai e da mãe com seus filhos são a base da construção da sua forma de pensar e agir na relação consigo mesmo ou com o mundo ao seu redor. Ou seja, se a relação familiar não é boa, isso pode afetar a construção da identidade e dos valores da criança.

Por isso que a questão do “clima” familiar é bastante decisiva para a formação de um possível autor de bullying. Fante (2005, pág.174), descreve isso muito bem quando afirma que a família “caracteriza-se como causador do comportamento agressivo ou violento, devido ao tipo de estimulação a que ele foi exposto desde pequeno; pela forma de convivência predominante em sua família [...] pela maneira como seus defeitos ou incompetências foram apontados, por meio de comparações e xingamentos [...] enfim, pela maneira como aprendeu a lidar consigo mesmo e com suas emoções.”

A participação da família na vida escolar do aluno também pode se algo decisivo para o bullying ser ou não incorporado na rotina escolar do mesmo. Rolim (2010) ao aplicar um questionário<sup>1</sup> em professores de uma escola pública verificou que segundo quase 90% dos professores “os pais, em sua maioria, não participam da vida escolar, mesmo quando convocados”. Essa resposta dada por esses professores mostra como é raro que os pais estejam envolvidos na vida escolar do aluno. Muitos pais não têm idéia de como é o ambiente escolar que seus filhos estão e não têm noção de que seus filhos podem estar sofrendo, assistindo ou praticando o bullying.

---

<sup>1</sup> Esse instrumento foi utilizado como ferramenta para a elaboração de um estudo de caso sobre o bullying do segundo semestre de 2007 a março de 2008 na Escola Estadual Odila Gay da Fonseca, localizada da na zona sul de Porto Alegre.

Outro fator que foge do olhar da escola na educação do aluno é o contexto social do mesmo. Fante (2005) menciona que problemas como a pobreza e o desemprego e que são grandes causadores da grande assimetria social existente em nossa sociedade podem incorporar na vida de uma criança um ambiente agressivo, delinqüente e anti-social. Ou seja, uma criança ou adolescente que vive em um ambiente assim tende a reproduzir nos locais em que ela se relaciona – como, por exemplo, a escola – com outras pessoas ações que ela presencia ou literalmente vive. É impossível afirmar que escolas que são vulneráveis a ação do tráfico de drogas, prostituição, pobreza e outros tipos de conflitos relacionados ao contexto social apresentam maior índice de bullying em relação a outras escolas com realidades mais amenas. Porém, a violência nas escolas pode ter como raiz o modelo social em que o aluno está agregado.

Fante (2005) também menciona os meios de comunicação como uma possível causa externa para a incorporação do bullying na escola. “Estudos demonstram que os meios televisivos violentos exercem nas crianças uma notável influência quanto à imitação, inclusive com correlatos entre a visão de violências televisiva na infância e o desenvolvimento de condutas agressivas na adolescência” (FANTE, 2005, pág. 171). Personagens, pessoas e outras coisas expostas nos meios de comunicação com características consideradas engraçadas, estranhas ou anormais podem ser usadas pelos agressores para chacotear de suas vítimas. Não se pode deixar de comentar de um tipo de bullying relacionado aos meios de comunicação e que cresce cada vez mais. Trata-se do cyberbullying. Segundo Silva (2010) os praticantes dessa variação do bullying usam os serviços da internet para disseminar de uma forma mais avassaladora ofensas, xingamentos e outros conteúdos que denigrem e humilham seus alvos. O bullying virtual, apesar de não acontecer na escola, pode ou ser uma evolução de um bullying que já acontecia lá, ou ser o início de um bullying que irá acontecer.

Existem também os fatores internos a escola. Dentro desses fatores podem-se destacar as relações interpessoais entre alunos.

A adaptação do aluno à escola depende, fundamentalmente do tipo de relacionamento que estabelece com os professores e com os seus iguais. Quando essas relações se estabelecem de forma adequada, proporcionam, segundo a opinião emitida pelos alunos, o que há de melhor na escola. Entretanto, quando essas relações não são adequadas, a escola se transforma em fonte de estresse e inadaptação, resultando em conflitos interpessoais e em diversas formas de violência, comprometendo a qualidade do ensino aprendizagem. (FANTE, 2005, p. 190)

Fante (2005) menciona que a nossa memória costuma guardar todas as lembranças que trazem muita emoção. Logo depois dessa afirmação ela dá um exemplo de como as relações interpessoais podem propiciar o bullying dentro da escola.

Por exemplo, uma criança que é humilhada por alguns colegas de classe registrará essa humilhação de maneira privilegiada em sua memória devido ao forte conteúdo emocional da experiência vivenciada. Esse conteúdo criará em sua memória territórios de vergonha, medo, insegurança e temor de que o fato ocorra novamente. (FANTE, 2005, p. 191)

### 2.2.2 O papel da escola no combate ao Bullying.

De acordo com Constantini (2004, apud Rolim, 2010, pág.129), são necessárias cinco etapas para fazer com que se elabore um plano preventivo na escola:

- 1) Fazer o fenômeno vir à tona;
- 2) Sensibilização para o “bullying”;
- 3) Formação de uma comissão para implantar o projeto;
- 4) Intervenções de combate e prevenção e
- 5) Ampliação da intervenção de campo.

Para que possam desenvolver estratégias de intervenção e prevenção ao bullying em uma determinada escola, é necessário que a comunidade escolar esteja consciente da existência do fenômeno e, sobretudo, das conseqüências advindas desse tipo de comportamento. (FANTE, 2005, p. 91)

Ou seja, o primeiro passo para o combate ao bullying é a escola compreender a complexidade e o grande estrago que ela pode fazer sendo submissa a esse tipo de vitimização tão cruel que é o bullying. Vale a pena lembrar que os prejuízos que o bullying pode causar vão além das barreiras educacionais e podem afetar o indivíduo exposto durante vários momentos em sua vida. “Para que se torne possível a definição de estratégias e planos concretos “antibullying” nas escolas, é preciso que o problema seja, primeiramente, reconhecido pelos professores e pelos pais em sua importância e gravidade”. (ROLIM, 2010)

A direção e os funcionários da escola devem reconhecer a possibilidade de o bullying estar presente dentro da realidade dos estudantes. Rolim (2010) afirmou que geralmente, escolas particulares têm certo receio com relação ao bullying, pois elas têm medo que se constatado qualquer caso envolvendo seus alunos, elas percam a credibilidade diante dos pais, e

assim, percam alunos para outros colégios. Por isso, ele, ao realizar um estudo de caso na cidade de Porto Alegre, justificou a escolha de uma escola pública, pois para ele “escolas particulares são refratárias a este tipo de pesquisa” (2010, pág.63), e também uma instituição pública iria permitir “um trânsito mais desimpedido do pesquisador para a coleta de dados” (2010, pág.63). Essa atitude refratária de muitas escolas particulares descrita por Rolim apenas contribui para aumentar a dinâmica do bullying, pois quando essas escolas negam a existência desse fenômeno dentro dos seus espaços elas omitem um problema que por si só já se propaga de forma oculta.

Como o bullying ocorre geralmente dentro da sala de aula, cabe ao professor a função de detectá-lo dentro deste espaço. Esses profissionais devem ter a consciência que os seus atos diante de uma situação de bullying podem ser decisivos na continuação ou eliminação desse fenômeno dentro da sala de aula. Se o professor se mostra indiferente ou encara a situação como uma simples brincadeira ou indisciplina, ele está automaticamente dando liberdade ao agressor para continuar a praticar o bullying. Assim, é necessário que o professor ou a direção – mesmo que não exista nenhuma ocorrência oficial de bullying dentro da escola – se apresentem contrários a esse fenômeno e criem meios para sensibilizar todo o colégio sobre os problemas que o bullying pode causar. Rolim (2010, pág.134), aponta algo que passa despercebido, mas, que pode contribuir para o bullying dentro das escolas que é a questão do preconceito de pessoas que estão no papel de educadores.

Para que seja possível enfrentar e superar as práticas de “bullying” entre crianças e adolescentes é preciso que as escolas desenvolvam uma postura comprometida com valores humanistas, o que deve se traduzir, entre outros aspectos, no respeito diante das diferenças e na capacidade de constatar – com o próprio exemplo – posturas discriminatórias e preconceituosas vigentes na sociedade. Uma tarefa que será sempre muito difícil para aqueles professores que também estejam impregnados por uma significativa carga de preconceito (ROLIM, 2010).

Andrade et al. (2004) realizaram um estudo que revelou que com relação a percepção dos professores sobre valores sociais, 59,7% acham inadmissível uma pessoa “ter relações homossexuais”. Será que os conceitos que os educadores têm com relação a determinados grupos – Negros, homossexuais, obesos, pobres, etc – não determinam as suas ações ou omissões diante de ofensas dirigidas a esses grupos dentro da sala de aula?

Dessa forma, sensibilizar e envolver toda a comunidade escolar na luta pela redução do comportamento bullying torna-se tarefa imprescindível, uma vez que o fenômeno é complexo e de difícil aceitação, principalmente por manifestar-se de maneira sutil e velada e por garantir sua propagação através da imposição da lei do silêncio (FANTE, 2005).

“De maneira mais prática e objetiva, a escola de procurar meios de se informar sobre as formas que possibilitem saber quais são as experiências e os sentimentos que seus alunos possuem em relação ao bullying”. (SILVA, 2010, pág.163). Silva (2010) dá como sugestão que a escola adote o questionário desenvolvido por Dan Olweus para suas pesquisas sobre o bullying. Rolim (2010) sugere que uma pesquisa de campo dentro do colégio é essencial para saber o que os alunos têm a dizer sobre o bullying.

Gottfredson (1997, apud Rolim, 2010), afirma que quando a instituição escolar for pensar em criar alguma medida efetiva para o combate a violência dentro da escola, não se deve apenas pensar em um problema específico. Deve-se tentar englobar em um mesmo programa o combate as mais diversas formas de violência que podem ocorrer dentro do ambiente escolar. Isso é porque, segundo ele, a maioria dos problemas pode apresentar uma causa comum.

De acordo com Rolim (2010, pág.134), “A constituição de um grupo que irá coordenar o projeto na escola marca o início da elaboração da política de prevenção”.

Rolim (2010) afirma que para cada personagem dessa problemática tem que receber estratégias diferenciadas.

Para que seja possível enfrentar e superar as práticas de “bullying” entre crianças e adolescentes é preciso que as escolas desenvolvam uma postura comprometida com valores humanistas, o que deve se traduzir, entre outros aspectos, no respeito diante das diferenças e na capacidade de contrastar – com o próprio exemplo – posturas discriminatórias e preconceituosas vigentes na sociedade (ROLIM, 2010).

De acordo com Albino e Terêncio (2009), percebe-se que as testemunhas merecem uma atenção significativa nos programas anti-bullying, uma vez que a testemunha é um fator fundamental ao estímulo e ao poder do agressor sobre a sua vítima. Rolim (2010) mencionou pesquisas que sugeriram que a desaprovação dos espectadores pode influenciar diretamente na diminuição do bullying. Segundo ele, quando os alunos param de aceitar ou

aprovar o bullying e passam a encará-lo como um ato de covardia e desrespeito, os agressores perdem todo o seu poder e acabam se inibindo.

Nesse sentido, a conscientização das testemunhas é indispensável para se elaborar uma estratégia anti-bullying.

Como já foi mencionado nesse trabalho, as vítimas também merecem receber estratégias diferenciadas. Uma boa estratégia para esse grupo é criação de uma espécie de ouvidoria, na qual, as vítimas ou mesmo os espectadores, anonimamente denunciariam as situações de bullying que acontecem dentro da escola. Rolim (2010), dá como exemplo desses mecanismos de denúncias, simples caixas coletoras que poderiam ser espalhadas em diversos pontos da escola.

A escola não pode e não deve expor o agressor. Fazendo isso, ela estará invertendo os papéis. “No que diz respeito aos autores, seria conveniente lembrar que suas atitudes abusivas e intimidadoras muito freqüentemente podem expressar um tipo de relação não refletida, estruturada muito antes em outras experiências, mais do que uma decisão racional”. (ROLIM, 2010, pág. 131)

Apesar de estarem exercendo o papel de agressor, eles também são vítimas dessa terrível problemática. Silva (2010) sugere que a escola crie um espaço para que os agressores revelem o que pensam sobre as suas agressões e qual foi a causa delas. Silva (2010) Também afirmou que a escola não deve ser passiva e “passar a mão na cabeça” do agressor. Ela de manter uma postura firme e lembrá-lo que os seus atos podem ter graves conseqüências. O foco nos agressores não deve ser apenas punitivo, mas, também educativo.

De acordo com Chalita (2008, pág. 195), “Os pais cobram da escola. A escola responsabiliza os pais. A sociedade exige que a escola professe valores de solidariedade e respeito ao próximo que ela mesma ignora. É ingênuo acreditar que um único segmento seja capaz de, isoladamente, erradicar a violência”. Ou seja, é preciso entender que a escola não é e não deve ser responsabilizada com o bullying acontece dentro dela. Esse processo envolve direta ou indiretamente a família e a realidade que cerca a escola.

Pelo fato do bullying escolar envolver diretamente a escola, ela deve ser a primeira e a principal parceira no combate a esse fenômeno. Porém, para que esse combate seja eficaz ela não pode deixar de ter como parceiros as famílias dos alunos, os funcionários do colégio e outras pessoas que podem determinar a realidade da escola. A escola deve compreender que o bullying até pode estar sendo praticado dentro do seu espaço físico, porém, a raiz do problema pode estar muito além dos seus muros.

Dependendo das relações estabelecidas pelos diferentes segmentos sociais e, dependendo, também, do modo como cada elemento compreende sua importância para o conjunto, o todo pode ser maior que a soma das partes. Ou pode ser menor, na medida em que as partes se cancelem e se destroem mutuamente pela ausência de organização, de clareza, de transparência, de comunicação, de sentido de comunidade, ou, como sugere o nome, de comum unidade e de bem comum. (CHALITA, 2008,p. 196)

Diante do exposto percebe-se que não existe uma única “receita” de combate ao bullying. Cada escola vive uma realidade, e cabe a ela ver dentro da sua realidade qual a melhor maneira de atuar sobre este problema. As escolas reconhecidas como sistemas dinâmicos e complexos, não devem abordar de maneira uniforme, mas sim identificando o contexto social e estrutural em que a mesma se encontra inserida. Também é preciso compreender a realidade que cerca os alunos dentro e fora das escolas para identificar os possíveis fatores que possibilitaram a disseminação do bullying dentro das instituições de ensino.

### 2.3 CAPÍTULO 3 – Bullying, um problema de saúde pública

“A organização mundial da saúde (OMS) define saúde não apenas como a ausência de doença, mas como a situação de perfeito bem estar físico, mental e social” (SEGRE E FERRAZ, 1997, Pág.539). Ou seja, deve-se pensar também que o bem estar mental faz parte do conceito de saúde. Silva (2010), menciona que para a pessoa desenvolver qualquer sintoma psicossomático ela precisa ter dentro de si uma pré disposição. Assim, nem todas as pessoas que são expostas a agressões ou traumas irão desenvolver reações que afetem o seu lado mental. A questão central que envolve o bullying é que ele pode ser a “chave” que irá acionar esses quadros. Segundo Fante (2005, pág. 79), “A não superação do trauma poderá desencadear processos prejudiciais ao seu desenvolvimento psíquico, uma vez que a experiência traumatizante orientará inconscientemente o seu comportamento [...]”. “Problemas como ansiedade e insegurança, transtornos da saúde mental, depressão e sentimentos de tristeza, são outros sintomas muito comuns entre vítimas de bullying” (WILLIANS et al, 1996, apud ROLIM, 2010). Dessa forma Levando-se em conta que o bullying pode afetar o bem estar mental e o físico do indivíduo, ele deve ser considerado um problema de saúde. De acordo com Silva “Atualmente ele já é definido como um problema de saúde pública e, por isso mesmo, deve entrar na pauta de todos os profissionais que atuam na área médica, psicológica e assistencial de forma mais abrangente”. Para Neto (2005, pág. S170), “Reduzir a prevalência de bullying nas escolas pode ser considerado uma medida de saúde pública altamente efetiva para o século XXI”.

Silva (2010) menciona algumas formas que a vítima de bullying pode reagir diante dessa problemática. De acordo com Silva (2010), Existem as vítimas que resolvem procurar ajuda de pessoas ligadas a área da saúde mental para tentar lidar com o sentimentos e os traumas causados pelas situações de bullying. Existem outras pessoas, que infelizmente não encontram ou não tem a coragem de procurar nenhum tipo de ajuda. Essa pessoas acabam carregando e guardando para si todo o sofrimento, lembranças e sensações ruins causados pelo bullying.

. Isso é bastante cruel, pois, diante dessa afirmação de Silva, é possível deduzir que esses adultos começaram a desenvolver esses problemas na infância e na adolescência, que são fases em que deveriam estar acrescentando em sua visão de mundo experiências fortificantes e não traumatizantes.

No exercício da minha profissão, e após uma criteriosa investigação do histórico de vida dos pacientes, observo que não somente crianças e adolescentes sofrem com essa prática indecorosa, como também muitos adultos ainda experimentam aflições intensas advindas de uma vida estudantil traumática. (SILVA, 2010, pág. 25)

Silva (2010) também menciona o que pode acontecer com os jovens que tem uma pré-disposição a desenvolver certos problemas psicossomáticos.

Uma parcela de crianças e adolescentes também pode desenvolver transtornos psiquiátricos sérios, como pânico, depressão, bulimia, compulsão, anorexia, ansiedade generalizada, fobias, psicoses, [...]. É importante destacar que o bullying, nesses casos, se constitui em um fator desencadeante efetivo para que todos esses transtornos venham à tona nos jovens que já possuíam uma personalidade com predisposição genética para essas patologias. (SILVA, 2010, p.77)

Silva (2010), em seu livro, dá como exemplo dessa parcela de jovens, o caso já citado no primeiro capítulo deste trabalho, do jovem Sul-coreano Cho Seung-Hui, que no dia 27 de abril de 2007 matou 32 pessoas e feriu outras 23 na Virginia Tech University, EUA. “Foi um dos piores ataques da história moderna americana a uma instituição de ensino”. (SILVA, 2010, pág. 76).

Para mostrar com uma pessoa que é vitimizada pelo bullying pode desenvolver determinados quadros que as façam tomar atitudes extremas, Silva (2010), cita alguns trechos de um manifesto deixado por Cho.

Vocês tiveram uma centena de bilhões de formas de evitar esse momento. Mas vocês decidiram derramar seu sangue. Me encurralaram e me deram apenas uma opção. A decisão foi sua. Agora, vocês tem sangue nas mãos, e nunca vão conseguir lavá-lo. [...] Em outros trechos, o jovem também questiona: “Vocês sabe o que se sente quando cospem no seu rosto e lixo é empurrado garganta abaixo? Vocês sabem qual é a sensação de cavar a própria sepultura? (...) Vocês sabem o que é ser humilhado e empalado numa cruz? (SILVA, 2010, p.77)

Por esse manifesto, de acordo com Silva (2010, pág. 78), “O jovem, de forma infeliz, encontrou uma maneira de não morrer fracassado, como o fizeram se sentir”. Ainda segundo Silva (2010) as severas humilhações que esse jovem sofreu podem ter acionado um quadro de esquizofrenia ou de psicose. Isso poderia explicar porque o jovem decidiu agir de uma forma tão extrema para nós. Ninguém poderia adivinhar que esse seria o autor de uma grande tragédia causada pelo bullying que ele sofria. Mas, talvez se este jovem tivesse sido amparado por alguém capaz de detectar as situações de bullying a que ele era submetido, essa tragédia poderia ter sido evitada.

A inexistência de políticas públicas que indiquem a necessidade de priorização das ações de prevenção ao bullying nas escolas, objetivando a garantia da saúde e da qualidade da educação, significa que inúmeras crianças e adolescentes estão expostos ao risco de sofrerem abusos regulares de seus pares. Além disso, aqueles mais agressivos não estão recebendo o apoio necessário para demovê-los de caminhos que possam vir a causar danos por toda a vida. (NETO, 2005, p.170)

Fazendo uma comparação, aqueles que são considerados mais agressivos por Neto (2005) são os mesmos que segundo Silva (2010) podem desenvolver certos sintomas psicossomáticos e que podem acompanhá-los por toda a vida. Voltando ao exemplo de Cho Seung-Hui, e comparando o seu caso com a afirmação de Neto (2005), acima citada, é possível deduzir que sua crítica com relação à inexistência de políticas públicas para identificar o prevenir o bullying é bastante válida.

### 2.3.1 Problemas que o bullying pode causar

Silva (2010) menciona alguns problemas psicossomáticos que podem se manifestar em vítimas de bullying. Algumas dessas patologias são extremamente graves e muitas vezes, passam despercebidas dos olhos de muitos profissionais que elas podem ter como causa desencadeante, o bullying.

Os pacientes tendem a apresentar diversos sintomas físicos, entre os quais podemos destacar: Cefaléia (dor de cabeça), cansaço crônico, insônia, dificuldades de concentração, náuseas (enjôo), diarreia, boca seca, palpitações, alergias, crise de asma, sudorese, tremores, sensação de “nó” na garganta, tonturas ou desmaios, calafrios, tensão muscular, formigamentos. (SILVA, 2010, p.25)

As vítimas de bullying possuem até três vezes mais chances de sofrer com dores de cabeça e com dores abdominais, até cinco vezes mais chances de ter insônia e até duas vezes e meia mais chances de experimentar enurese noturna, quando comparadas as crianças que não são vítimas (ROLIM, 2008 apud BANDEIRA, HUTZ, 2010).

Silva (2010), também cita alguns problemas que podem se manifestar na infância e na adolescência nos jovens que são vítimas de bullying. Um deles é a síndrome do pânico. “Caracteriza-se pelo medo intenso e infundado, que parece surgir do nada, sem qualquer aviso prévio”. (SILVA, 2010, pág. 25/26)

Segundo Silva et al outro grave problema de saúde e que cresce cada vez mais em crianças e adolescentes é a depressão. “Por muito tempo pensou-se que as crianças não eram acometidas por este transtorno, ou que estes seriam casos muito raros nessa população” (SILVA et al.). “trata-se de uma doença que afeta o humor, os pensamentos, a saúde e o comportamento” (SILVA, 2010, pág. 28). “É importante ressaltar que o bullying e suas consequências, sobretudo a depressão infantil, são problemas de saúde pública [...]” (Silva et al).

Silva (2010), também destaca dois distúrbios alimentares. A anorexia e a bulimia nervosa. Segundo ela, esses transtornos alimentares já são considerados por muitos especialistas nas sociedades ocidentais como uma epidemia. A anorexia e a bulimia atingem principalmente o gênero feminino, atingindo principalmente as adolescentes e as jovens adultas. A anorexia é caracterizada pelo extremo medo que a pessoa tem de engordar. Na sua visão, ela se enxerga acima do peso e por isso faz dietas extremamente rigorosas para emagrecer. Essa pessoa distorce a sua imagem e não consegue enxergar a forma e o peso real do seu corpo. “A anorexia é uma doença grave e de difícil controle, e que pode levar à morte por desnutrição, desidratação e outras complicações clínicas” (SILVA, 2010, pág.29). Já a bulimia, caracteriza-se basicamente, quando uma pessoa ingere uma grande quantidade de alimentos e após se sentir culpada por isso, para reverter a situação, ela tenta eliminar a grande quantidade de comida ingerida. Ela pode fazer isso induzindo o próprio vômito, tomando laxantes, ficando um longo período sem comer, etc. “Tanto os episódios de compulsão alimentar quanto os rituais purgatórios fogem totalmente ao controle de uma pessoa bulímica” (SILVA, 2010, pág. 29). Uma pessoa, que sofre bullying por ser acima do peso considerado ideal, pode desenvolver anorexia e bulimia na tentativa de se encaixar ao padrão imposto para ser considerada uma pessoa normal. É claro que ela precisa ter uma pré-disposição para desenvolver esses transtornos, porém, o trauma e a humilhação sofrida podem ser os fatores desencadeantes.

Silva (2010), também cita o suicídio e o homicídio. “Ocorrem quando os jovens-alvos não conseguem suportar a coação dos seus algozes” (SILVA, 2010, pág. 32).

Estudo realizado no ano de 2000, na Coréia, com 1.718 estudantes de duas escolas secundárias, em Seaul e Anyang, encontrou que os adolescentes que relataram algum envolvimento com "bullying" – especialmente as meninas e que eram vítimas e autores – possuem riscos de suicídio significativamente altos e devem ser monitorados por profissionais de saúde em trabalho de prevenção. (KIM et al, 2005, apud Rolim, 2010, p.62)

No dia 28 de setembro de 2012, um aluno do colégio São Bento, se jogou de uma janela do quinto andar dessa escola. Ouvidos pela polícia, os monitores negaram a possibilidade de o garoto ter sofrido bullying. Não está em questão afirmar ou deduzir se este menino sofria ou não bullying. Porém, se um colégio conceituado, em que os alunos têm acompanhamento psicológico, e são cercados por monitores, aconteceu uma tragédia desse tipo, imagine o que pode acontecer em colégios que não existe nenhum controle sobre o que acontece com o aluno dentro da escola.

A questão do bullying e as suas consequências é bastante séria. Por isso, Neto (2005) faz um apelo para os educadores e profissionais da área da saúde.

As instituições de saúde e educação, assim como seus profissionais, devem reconhecer a extensão e o impacto gerado pela prática de *bullying* entre estudantes e desenvolver medidas para reduzi-la rapidamente. Aos profissionais da saúde, principalmente aos pediatras, é recomendável que sejam competentes para prevenir, investigar, diagnosticar e adotar as condutas adequadas diante de situações de violências que envolvam crianças e adolescentes, tanto na figura de autor, como na de alvo. (NETO, 2005, p. S170)

### 3 CONCLUSÃO

O combate e a prevenção ao bullying são questões que devem ser levadas a sério. Acredito que o bullying já é um problema bastante conhecido, porém, ele está sendo encarado de uma forma banal pela sociedade. O problema só ganha uma atenção especial quando acontece algo relevante – como, por exemplo, algum suicídio ou reações extremistas de vítimas contra seus agressores ou contra outras pessoas.

Penso que no Brasil, a maioria das pessoas ainda não percebeu o poder destrutivo que o bullying pode ter na vida de um indivíduo. Nesse trabalho de conclusão de curso, concluí que é possível combater o bullying, porém, acho que para alcançar essa meta é preciso vencer alguns desafios.

Eliminar um fenômeno que se manifesta de forma oculta é um grande desafio para os educadores e para os demais profissionais que podem servir como parceiros nesse combate. A parceria é algo essencial para esse combate. Sem ela o bullying ou qualquer outro tipo de violência dentro do ambiente escolar jamais será eliminado.

As escolas, cenários desse ato tão cruel, devem reconhecer o poder destrutivo do bullying. Penso que a instituição deve ter um olhar sensível para o bullying e para a outra forma de violência escolar que podem ocorrer dentro dela. O grande desafio da escola é pensar em formas de mostrar que o respeito ao próximo é algo essencial para uma boa convivência. Trazer a questão da saúde do aluno – não só psicológica – para dentro do meio educacional também é algo desafiador. Incluir a família no processo educacional e também é algo bastante desafiador, porém, acredito que não é impossível de se realizado.

Acredito que aqui no Brasil, é necessária a criação de uma campanha de conscientização em escala nacional para a prevenção e o combate ao bullying.

Quanto mais profissionais da saúde encararem o bullying pelo lado da saúde pública, mais relevância esse tema terá dentro de outros setores, autoridades e escalas da sociedade.

## REFERÊNCIAS

SILVA, A.B. **Bullying: Mentas perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva. 2010.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying**. Rio de Janeiro: Editora Verus, 2005.

CHALITA, G. **Pedagogia da amizade. Bullying: O sofrimento das vítimas e dos agressores**. São Paulo : Editora Gente. 2008

ROLIM, M. **Bullying. O pesadelo da escola**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2010.

NETO, A.A.L.SED no Brasil. Bullying – Comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de pediatria**, Rio de Janeiro. Vol 81.2005.

ABRAMOUAY, M.; AVANCINI, M.; OLIVEIRA, H. **Violência nas escolas**, UNESCO. 2002.

SEGRE, M.; FERRAZ, F. C. **O conceito de Saúde**. Disponível em: < <http://www.scielo.org/pdf/rsp/v31n3/2334.pdf> >. Acesso em 14/12. 2012.

SANTOS, L.P.R.. 2007. 56 f. **O papel do professor diante do bullying na sala de aula**. (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru. 2007.

ALBINO, P.L.; TERÊNCIO, M.G. **CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS SOBRE O FENÔMENO DO BULLYING: DO CONCEITO AO COMBATE E À PREVENÇÃO**. Santa Catarina. 2009.

CORTI, A.P. **Violência nas escolas e as relações sociais**. Texto elaborado com base na dissertação de mestrado intitulada *Violência no cotidiano da escola pública: Jovens espectadores, vitimizados e agentes de agressões*.

BANDEIRA, C.M; HUTZ,C.S. As implicações do bullying na auto-estima de adolescentes. **Revista semestral da associação brasileira de psicologia escolar e educacional**, São Paulo. Vol 14. número 1. 2005.

MALTA, D.C. et al. Bullying nas escolas brasileiras : resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2010.

SILVA, J.B.S; MEDEIROS, P.C.B; SILVA, G.R.G. **Correlatos depressivos de Bullying numa cidade do Piauí: Dados preliminares**. Universidade Federal do Piauí. Piauí.

